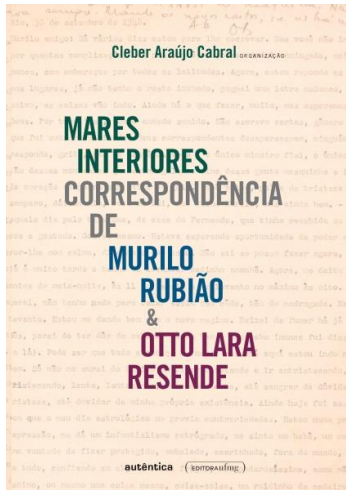


# MARES INTERIORES: ENTRE CARTAS E MEMÓRIAS

Aparecida Maria Nunes<sup>1</sup>

Mares interiores revela facetas do processo de criação literária de Murilo Rubião



“Mares Interiores” é o livro que traz ao público as cartas que foram trocadas entre Murilo Rubião e Otto Lara Resende. Na comemoração do centenário de nascimento do contista mineiro, de Carmo de Minas, a obra, realizada pelo estudioso **Cleber Araújo Cabral**, que empreendeu uma árdua jornada realizando um minucioso trabalho de pesquisa, revela um retrato instigante e vívido da amizade.

## Como surgiu o interesse na correspondência de Murilo Rubião e como, a partir disso, foi realizada a pesquisa?

Meu interesse pela correspondência de Murilo surgiu durante meu mestrado, entre 2009 e 2011. Nessa pesquisa, percebi que Murilo não havia publicado artigos ou textos teóricos em que formalizasse sua poética ou refletisse com rigor teórico acerca do gênero conto. Afora poucas menções feitas em entrevistas sobre autores de sua preferência ou de suas opiniões (ora evasivas, ora conclusivas) acerca de sua filiação à literatura fantástica, chamou minha atenção o fato de Rubião quase não expressar pontos de vista concernentes a seu processo de escrita – a não ser a literatura como maldição e a questão da reescrita como busca constante pelo aprimoramento do texto.

---

<sup>1</sup>Aparecida Maria Nunes é professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, onde também atua no programa de mestrado em História Ibérica. É doutora e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo e pós-doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. É autora dos livros *Clarice Lispector jornalista: Páginas Femininas e Outras Páginas*, *Clarice na Cabeceira - jornalismo, Correio Feminino e Só para Mulheres*. *Correio Feminino* e *Só para Mulheres* também foram traduzidos para o espanhol e publicados pela Siruela, na Espanha. Atualmente, em parceria com Ricardo Iannace, prepara uma fotobiografia de Murilo Rubião.

Diante dessa constatação, coloquei-me a vasculhar a fortuna crítica de Rubião a fim de averiguar se já havia sido feito algum trabalho a partir de seu arquivo, alocado no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Nesse levantamento bibliográfico, percebi que, à exceção de alguns poucos artigos e comentários, do volume *Mário e o pirotécnico aprendiz: cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião*, da dissertação *Murilo Rubião: uma aventura solitária na literatura* e das teses *Histórias do Grão Mogol: edição e estudo crítico dos textos esparsos de Murilo Rubião*, *Para uma história do intelectual: Mário de Andrade através de sua correspondência*, *Literatura portuguesa no Suplemento Literário do Minas Gerais: relações Brasil/Portugal*, não havia trabalhos desenvolvidos a partir da documentação legada à posteridade pelo autor de *O convidado*. Tal evidência me fez perceber duas questões: que os documentos presentes no arquivo de Rubião se apresentavam como um campo potencial de investigações acerca de suas visões do conto moderno e de seu processo criativo; e que a correspondência rubiana permanecia praticamente inédita e inexplorada no campo dos estudos literários.

Foi assim que vislumbrei o trabalho de exploração do acervo rubiano (e, mais especificamente, de sua correspondência) como uma oportunidade de tentar formular uma resposta à pergunta de Davi Arrigucci Jr. ao fim do ensaio “Minas, assombros e anedotas”, texto canônico para os interessados na ficção de Rubião. Cito: “É possível falar dos contos fantásticos de Murilo sem se repetir? Parece que não. Anos atrás comecei a interpretação que hoje retorna, multiplicada em páginas e páginas, e talvez ainda não termine: ensaio recorrente”. Tendo em vista a provocação de Jorge Luis Borges presente no texto “Nota sobre (para) Bernard Shaw”, em que o argentino postula que “uma literatura difere da outra, ulterior ou anterior, menos pelo texto que pelo modo que é lida”, penso que sim, é possível lermos a ficção de Murilo Rubião sem nos repetirmos, uma vez que as cartas alteram / ressignificam / deslocam a percepção que temos sobre os escritores e suas obras.

### Como se deu a pesquisa e que percalços teve de enfrentar para realizar o trabalho?

O trabalho com a correspondência teve início com o mapeamento do epistolário presente no arquivo de Murilo, que está alocado no Acervo de Escritores Mineiros. O *corpus* arquivístico rubiano é composto por 9600 peças – dentre móveis, obras de arte, livros, periódicos, documentos pessoais, manuscritos recortes de jornal e correspondência. Desse material, espantosos 63% (6031 documentos) são cartas. As datas limites da correspondência rubiana são 1935 (período em que Rubião ingressa no curso ginasial) e 1991, ano de sua morte.

Face montante tão expressivo de cartas, de imediato uma questão se apresentou: que rumo escolher nesse mar de documentos, ou o que privilegiar como fonte para conduzir minha pesquisa? Para decidir os rumos do trabalho, busquei, então, delimitar a escolha do *corpus* a ser mobilizado. Para tanto, optei, inicialmente, por mapear as séries de correspondências. As cartas que Murilo recebeu se encontram organizadas em quatro grandes séries: “Correspondência burocrática”, “Correspondência sobre as obras”, “Correspondência com amigos” e “Correspondência com escritores”.

Mais significativas para os estudos literários são as séries “Correspondência sobre as obras” e “Correspondência com escritores”. Essas não só ocasionam reflexões acerca de aspectos da ficção rubiana, como também propiciam observar a inserção e a trajetória de Rubião na vida literária da República das Letras do século XX. Dentre os vários interlocutores, encontram-se importantes nomes dos campos artístico e intelectual brasileiro das décadas de 1920 a 1970: Cyro dos Anjos, Pedro Nava, Abgar Renault, Emílio Moura, Murilo Mendes, Autran Dourado, Guilhermino César, Alphonsus de Guimaraens Filho, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Lêdo Ivo, José Paulo Paes, Affonso Romano de Sant’Anna, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa, Rachel Jardim, Lucy Teixeira, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Nelida Piñon, Edla van Steen, Osman Lins, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Caio Fernando Abreu, Edilberto Coutinho e Luiz Vilela. E isso sem mencionar a correspondência com críticos literários, que é igualmente extensa e rica.

### Nesse conjunto, você destaca alguns interlocutores?

Sim, alguns signatários foram mais assíduos que outros. Marques Rebelo, por exemplo, escreveu sessenta cartas entre 1940 e 1970; Otto Lara Resende, cinquenta e três, de 1947 a 1976; Fernando Sabino, quarenta e sete, de 1942 a 1983; Nelly Novaes, oitenta e cinco, de 1966 a 1983; Pavla Lidmilová, sessenta, de 1969 a 1991; Jorge Schwartz, quarenta e quatro, de 1972 a 1988; João Cabral de Melo Neto, vinte e três, de 1957 a 1966. Outros correspondentes trocaram apenas poucas missivas, como Carlos Drummond de Andrade,



Cleber  
Araújo  
Cabral,  
2016  
Foto:  
Arquivo  
Pessoal

quinze cartas, de 1940 a 1945; Mário de Andrade, dez, de 1940 a 1945; Osman Lins, treze, de 1965 a 1969; Murilo Mendes, oito, de 1945 e 1967; Paulo Mendes Campos, seis entre 1947 e 1970; ou mesmo um único exemplar, como Manuel Bandeira (1947), Guimarães Rosa (1967), Jorge Amado (1968) e Cândido Portinari (1945).

**A partir desse epistolário rubiano, como que se desenhou o seu trabalho de pesquisa? Qual o fio da meada que optou por escolher?**

A princípio, a pesquisa consistia na edição e na análise da correspondência recíproca de Murilo com escritores, críticos e tradutores. Tal arranjo partia da hipótese, embasada por uma leitura (apressada, diga-se de passagem) de algumas cartas, de que os conjuntos selecionados permitiriam constituir três lentes a partir das quais se poderia ler a poética do escritor: no diálogo com os pares (escritores), haveria uma apreciação intuitiva dos procedimentos de criação, que seriam debatidos mais com vistas a seu aprimoramento do que à formalização de conceitos; com os críticos, o escritor passaria a se familiarizar com um repertório conceitual, próprio à teoria literária, a fim de dialogar com seus interlocutores, de modo a contribuir com a leitura de sua obra; por fim, as cartas com os tradutores apresentariam o esforço do escritor em explicar sua poética para que esta fosse transposta para um universo linguístico com o qual não possuía familiaridade.

A partir dessa hipótese optei, como estratégia crítico-operativa, pela composição de três conjuntos de correspondências, constituídos por duas séries cada: escritores (séries Fernando Sabino e Otto Lara Resende), críticos (séries Jorge Schwartz e Nelly Novaes Coelho) e tradutores (séries Pavla Lidmilová e Thomas Colchie). Os critérios utilizados na composição dos conjuntos e na escolha dos destinatários/remetentes foram os seguintes: presença de elementos estéticos que caracterizam o debate crítico sobre a criação literária, inserção e reconhecimento na história da literatura brasileira, pertencimento geracional (no caso de Sabino e Otto), afinidades intelectuais e relações pessoais; relevância acadêmica e crítica no âmbito dos estudos literários; interesse editorial e reflexões sobre o processo criativo de Rubião por meio da prática tradutória.

Mas esse projeto inicial de pesquisa passou por derivas e por reformulações no correr dos dois primeiros anos de escrita da tese. Elas foram motivadas por dois fatores: a necessidade de diminuir o volume de cartas a ser trabalhado (que, ao início da pesquisa, totalizavam 290 cartas, considerando-se que se tratava apenas das cartas recebidas por Murilo); e, principalmente, as tentativas frustradas de reunir a correspondência ativa e passiva, de modo a

recompôr os diálogos do escritor com os interlocutores selecionados – desafio que os pesquisadores interessados por correspondências não podem deixar de considerar como possível tormenta que pode surgir no horizonte da pesquisa.

Diante dos percalços mencionados, tomei duas decisões: reduzir o escopo do *corpus* documental (o conjunto trabalhado na tese consistiu, ao fim, em 160 cartas) e centrar a pesquisa na correspondência de Rubião com escritores – no caso Otto e Sabino, a quem se juntaria, posteriormente, Mário de Andrade.

### **Por que escolheu se debruçar sobre a troca de correspondência entre Murilo Rubião e Otto Lara Resende? Que aspectos Otto apresenta como interlocutor de Murilo?**

A escolha do diálogo de Murilo e Otto se deu, inicialmente, por três fatores: a extensão do conjunto, o ritmo/frequência das cartas e o grau de intimidade observado na correspondência. Como a ideia da pesquisa era observar o percurso formativo e o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a escrita rubiana, as cartas de Otto, ao apresentarem o registro de 30 anos de conversa, pareceram-me indispensáveis para compor essa “autobiografia em pedaços” da escrita e do escritor.

Assim que consegui localizar e consultar as 42 cartas de Murilo para Otto, que se encontram no Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro, constatei que o período da correspondência abrangia mais de 50 anos e tive a certeza da importância dessa correspondência para compor a “autobiografia em pedaços” da escrita e do escritor que intentei.

Sobre os aspectos de Otto que se desvelam em suas cartas a Murilo, além do cronista bem humorado, de prosa ágil e de fina ironia, há também o crítico literário e leitor de originais atento, bem como o romancista angustiado sempre a colocar em dúvida seu talento de ficcionista.

### **Como seu livro *Mares Interiores: Correspondência de Murilo Rubião & Otto Lara Resende* foi estruturado?**

Quando tive em mãos o conjunto das cartas de Murilo e de Otto, ocorreu-me que a estrutura mais adequada seria organizá-lo com a alternância das cartas de um e outro, seguindo uma cronologia disposta em três momentos – que também mapeiam circunstâncias da vida e das obras dos dois escritores. O primeiro decorre entre 1945 e 1952, quando as cartas abreviam a distância entre Belo Horizonte e

o Rio de Janeiro. Já o segundo compreende os anos de 1957 a 1959, ligando Madri a Bruxelas. Por fim, o terceiro momento se dá entre 1966 e 1991, quando a correspondência faz a ponte aérea Belo Horizonte-Lisboa e, posteriormente, retorna ao porto inicial, conectando Belo Horizonte ao Rio de Janeiro.

**Para esses momentos, destacaria algum aspecto relevante?**

O primeiro momento (1945-1952) é o mais breve em termos cronológicos, mas foi aquele no qual ocorreu o maior volume de cartas (57, no todo). Nessa fase, vemos dois jovens escritores em buscado aprimoramento de seus instrumentos de escrita e no estágio inicial da elaboração de suas obras literárias. No plano pessoal das vidas de Murilo e de Otto, ocorrem fatos significativos. Em 1945, o recém-formado Otto se muda para o Rio de Janeiro, onde trabalha em inúmeros jornais. Já Murilo, após várias tentativas, finalmente publica, em 1947, seu primeiro livro, *O ex-mágico*. Nesse período encontram-se as cartas mais confessionais e emotivas, mas também as mais ricas em comentários sobre a criação literária. São vários os exemplos de cartas em que Otto se debruça sobre os contos de Rubião, analisando-os e discutindo aspectos formais. Infelizmente, não vemos, nesse epistolário, o Murilo leitor a fazer o mesmo com os textos do amigo.

Já o segundo momento da correspondência compreende o breve período entre 1957 e 1959. Nesse contexto, são trocadas 18 cartas entre os escritores que, agora, residem na Europa. Murilo está em Madri e Otto segue para a Bélgica. No campo da criação literária, em contrapeso a essa atmosfera (aparentemente) desestimulante, a temporada europeia mostra um período fecundo e de intensa atividade criadora – ao menos para Otto. Há registros da publicação do livro de contos *Boca do inferno*, da elaboração do romance *O braço direito* e da novela “O carneirinho azul”. Fato interessante é a carta de 06/06/1957, na qual Murilo faz breve apreciação do estilo e da técnica de Otto – fato digno de nota, uma vez que esse é o único comentário crítico de Murilo acerca da ficção do amigo em toda a correspondência. Quanto a Murilo, afora o envio dos originais de “O coelhinho” (“Teleco, o coelhinho”), que Otto comenta, minuciosamente, em carta de 17/09/1957, o autor de *O ex-mágico* apenas relata, brevemente, ao amigo que escreve, “mas com a velha lentidão rubiônica e sem grandes ambições quanto à posteridade”.

Terminada as estadas madrilenha e bruxelense, inicia-se a última (e mais longa, em termos cronológicos) fase da correspondência, que abrange 1966 a 1991. Apesar de ser a fase mais extensa do conjunto epistolar, o fluxo das cartas é o menos caudaloso (20 cartas em 25 anos). O ritmo frequente, as cartas extensas e troca de manuscritos

da juventude cedem lugar a cartas menos confessionais e mais objetivas.

### Que aspectos autobiográficos dos dois escritores considera importantes?

Retomando o apreço de Murilo pela Bíblia, seria acertado dizer que o autor de *O convidado* (mas também o Otto) que aparece nas cartas tem o nome de legião – pois são muitos. São os amigos dedicados e solícitos; os missivistas que escrevem cartas com as tintas da ironia e da melancolia, misturando enredos literários e tom bíblico; os jornalistas, funcionários públicos, os adidos culturais e, claro, os autores de contos sobre a infância e de contos fantásticos. Parafraseando o crítico Marcos Antonio de Moraes, em suas análises da correspondência de Mário de Andrade, podemos perguntar: tal carta, qual Murilo e qual Otto?

Além disso, chamaram minha atenção a reciprocidade e a confiança, observadas na constante troca de manuscritos e na solicitação de favores. Outro ponto interessante dessa correspondência é que, por meio dela, depreende-se um pouco da “indestrutível amizade” (termo usado por Murilo em uma das cartas) do autor de *O ex-mágico* com os “quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse”. Até hoje, pouco se falou da relação entre os “jovens vintanistas mineiros” (Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos e Otto) com Rubião. Essas cartas deixam entrever que os quatro cavaleiros, durante suas cruzadas literárias belorizontinas (mas também nas cruzadas cariocas), contavam com a companhia de um “anjo torto”, calvo e de bigode, discreto e zeloso. Felizmente, as cartas garantiram que passasse à posteridade o encontro desses (agora) amigos escritos.

### É possível falar de um “retrato do Brasil” na leitura que fez de tais cartas?

Quando menciono que as cartas constituem um conjunto tanto de instantâneos autobiográficos como de “retratos do Brasil”, pensei, naquele momento, no livro que Paulo Prado escreveu em 1928 – *Retrato do Brasil*, que tinha como subtítulo “Ensaio sobre a tristeza brasileira”. Nesse clássico do pensamento social brasileiro, o autor aponta a tristeza, o romantismo, a luxúria e o vício da imitação como os maiores problemas da nacionalidade.

Ao lermos as cartas de Murilo e Otto, observamos, sobretudo no primeiro momento, certo tardo romantismo, manifesto nas sensações de angústia e desamparo dos então jovens escritores crescidos no período entre guerras e durante a ditadura de Getúlio Vargas. Assim, ao aproximar a correspondência de Murilo e Otto ao livro de Paulo Prado, minha intenção foi de demonstrar que as cartas trocadas entre os dois, além de expressarem um pouco do clima intelectual brasileiro entre as décadas de 1940 e 1990, momentos marcados pelas ideias de crise e de incerteza, podem contribuir para reinterpretar o passado.